

Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar: tempo, trabalho e autonomia no Brasil contemporâneo

Franciele Oliveira Bispo (Fanny Oliveira) ¹



*E quem me vê apanhando da
vida duvida que eu vá revidar
Tô me guardando pra quando o
carnaval chegar
Eu vejo a barra do dia surgindo,
pedindo pra gente cantar
Tô me guardando pra quando o
carnaval chegar
Eu tenho tanta alegria, adiada,
abafada, quem dera gritar
Tô me guardando pra quando o
carnaval chegar...”
– Chico Buarque*

Fonte: ESTOU (2019)

Uma tela em preto, acompanhada de narração em primeira pessoa. A atenção se dirige por completo à audição. Nomes de cidades nordestinas são proferidos. Espacialidade é o contexto. Há um súbito silêncio, que em seguida é quebrado pela continuidade da narração que apresenta memórias em confronto com o tempo. As primeiras imagens aparecem. São grandes totens que vão e vem enquanto uma trilha sonora nos proporciona a sensação de nostalgia. O choque entre os tempos é gerado. Assim é o convite aos espectadores no primeiro minuto de *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019), dirigido pelo pernambucano Marcelo Gomes, conhecido no

¹ Licenciada em Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia. Atua como idealizadora do projeto Zuruba de pesquisa e produção de imagens e suas relações sociais. Em suas realizações audiovisuais atuou como diretora nos documentários *Tríduo de Santo Antônio* (2019), *Lembranças de um não eu* (2019) e nas Web séries *Vidas em branco* (2018) e *Diário de artista suburbano* (2020). Atualmente dirige a série *Diz aí Juventudes* do Canal Futura. E-mail: franciele.oliveira1996@gmail.com.

cenário do cinema nacional por produções como *Cinema, aspirinas e urubus* (2005) e *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2009). Um dos horizontes das discussões que envolvem o longa documental é sobre a propaganda que o neoliberalismo produz e afirma: “Seja autônomo! Empreenda seu negócio e permaneça dono do seu tempo.”. Essas são frases que manipulam e cooptam indivíduos diariamente, girando a chave da subjetividade e ressignificando sonhos e realizações pessoais. A obra retrata o desenvolvimento industrial na cidade de Toritama, situada no agreste do Pernambuco, a 164 km de Recife. O local que é conhecido como a capital do Jeans, ocupa o segundo lugar na produção do segmento no Brasil. A cidade permanece numa movimentação frenética durante boa parte do ano, exceto no carnaval, quando quase todos os moradores vão festeja-lo em outros locais, transformando a intensa velocidade do local em silêncio e vazio.

Estou me guardando para quando o carnaval chegar tem seu roteiro e direção executados sob a égide do confronto entre as memórias de infância e uma realidade presente de Toritama. O confronto se estabelece quando, ao retornar à cidade depois de muitos anos, o narrador encontra um cenário completamente distinto. As memórias de infância, fixadas por um conjunto de imagens que apresentam a cidade como símbolo de silêncio e calma, com atividades produtivas que se limitavam a criação de gado e ao cultivo de mandioca e feijão, dão lugar a um espaço tomado por fábricas, um incessante som produzido pelas máquinas de costura e o grande movimento de motos e carros que executam o transporte das peças. A todo momento, o tempo, elemento responsável por “costurar” a narrativa, nos interpela. Passado e presente como dualidade temporal, quando confrontados, nos possibilitam a elaboração de críticas sobre manipulação dos espaços que, por vezes, tornam-se irreconhecíveis física e culturalmente.

De modo sintomático, na técnica, podemos perceber o tempo num trabalho clichê, entretanto, bem executado, quando fotografia, som e montagem casam-se em movimento e velocidade. As cenas demoradas que mostram movimentos repetitivos dos trabalhadores em suas atividades, com auxílio de planos que oscilam entre grande, médio e detalhe, câmera parada e *takes* que possuem duração equilibrada, colaboram para a fixação das imagens. Tais cenas, que aparentam intenção sobre a percepção, possibilitam um aumento no tempo de assimilação, permitindo o alargamento da persistência retiniana e a conjugação de mais informações, conduzindo assim, a um estado de certa contemplação e possibilitando o estabelecimento de uma crítica mais densa. O som segue o mesmo padrão. Acompanha de modo muito presente o ritmo do relógio entre repetições e pausas, conduzindo com fluidez nossas atenções. Estes elementos em conjunto tornam-se um convite à reflexão, atravessando a razão com uma analogia que percebe a semelhança entre as repetições de imagem e som e a cíclica história de exploração dos trabalhadores.

Quando utilizado para compor o raciocínio da narrativa, o tempo mantém o diálogo direto entre a questão da exploração dos trabalhadores pelas políticas

amparadas no capitalismo e a falsa ideia de autonomia. Conseguimos acompanhar, a partir das informações oferecidas pelo filme, que a produção anual de jeans em Toritama chega a mais de 20 milhões de peças, entretanto, apesar do alto número de pessoas que disponibilizam sua força de trabalho a esse tipo de ação, o percentual de trabalhadores informais é imenso, o que nos permite enxergar como a desigualdade é promovida também pelas relações sociais de produção. Apresentando o cotidiano das fábricas – nome dado às fábricas nas quais o jeans é produzido e que estão situadas nas garagens, quintais e salas das casas – da cidade, podemos aos poucos, adentrar aquelas histórias e perceber o quão complexa é a construção que leva esses trabalhadores informais, da grande indústria da moda, a acreditarem que são donos do seu tempo, quando trabalham entre 12 e 14 horas por dia, se dividindo entre atividades de corte, costura, modelagem e acabamento das peças, além de vendê-las na feira da cidade.

Agente da globalização, o advento da sociedade de consumo, que possui como uma de suas características a ideia de flexibilidade do tempo diante do trabalho, vem executando a destruição de funções fixas, principalmente para os trabalhadores informais. A maioria das atividades são aceitas em razão da sobrevivência. Assim,

“Neste cenário de desprezo pelos direitos de cidadania [...] de degradação [...] da qualidade de vida, de marginalização de largos segmentos da população, de desmantelamento das organizações dos trabalhadores e de crescentes níveis de desemprego, [...] [se desenvolve] o fenômeno da informalidade” (MALAGUTI, 2001, p. 62, 63).

Temos a possibilidade de analisar bem esta imagem, a partir da narrativa de Léo, persona que ganha destaque do filme. Léo é um homem que trabalha desde muito jovem, e conta que já desempenhou diversas funções para suprir suas necessidades básicas. Em algum momento de sua fala, ele afirma que a partir de sua experiência em diversas funções, sabe que o melhor do mundo é trabalhar sendo seu próprio patrão, já que isso lhe possibilita um maior controle sobre o tempo em que conduz suas atividades, podendo, a sua escolha, dar uma “esticada” no serviço a fim de melhorar a renda.

O filme realiza seu objetivo abordando o fenômeno anual que acontece na cidade, a fuga dos moradores para o litoral no período do carnaval, no intuito de aproveitar os únicos dias de descanso do ano. Este é o momento no qual as memórias desse narrador reencontram a antiga Toritama calma, vazia e silenciosa. A obra narra que, na década de 1980, existiam bandas, um teatro e uma biblioteca, que eram responsáveis por movimentar culturalmente a cidade. Com o passar dos anos, movido principalmente pela industrialização, os atrativos culturais desapareceram. Sem alternativas de lazer, os retirantes do carnaval provocam um movimento dialético que contrapõe, curiosamente, o nome da cidade (Toritama em tupi-guarani quer dizer terra da felicidade), com o fenômeno anual, gerando a seguinte questão: se Toritama é a terra da felicidade, por que todos fazem o possível para sair de lá no único momento de descanso? As entrevistas constroem um panorama capaz de elucidar como padrões de pensamento promovidos pela lógica social dominante, a partir dos requintes do

neoliberalismo, atingem níveis de excelência no condicionamento dos indivíduos, privando-lhes do acesso às necessidades mais básicas, que, por sua vez, sob argumentos teológicos, são atribuídas a uma ordem divina, uma mente universal que é responsável por guiar suas vivências. Assim, como afirmou o filósofo alemão Walter Benjamin (2002), o capitalismo, com sua estrutura religiosa, de culto constante, amparado na culpa e na dívida, e que possui no dinheiro sua divindade, torna-se essa mente que conduz a massa de trabalhadores.

Os moradores de Toritama, estão condicionados a uma ordem cujo local de moradia é “só trabalho”, como afirma uma das entrevistadas (que não é identificada pelo nome). Estes trabalhadores que dormem e acordam trabalhando, que tem em suas residências também os seus locais de trabalho, não possuem durante boa parte do ano, a possibilidade de ócio. Deste modo, somos levados a refletir sobre o pacote de “vantagens” oferecidas pelo neoliberalismo, que nos incita a viver em prol do consumo. Uma das maiores finalidades com a renda gerada durante todo ano, comum aos entrevistados, é festejar o carnaval distante de Toritama e consumir cultura e produção de outros espaços, que oferecem vivências distintas às que possuem na cidade onde moram. Para aqueles que não conseguem juntar a quantia suficiente, torna-se válido a venda de qualquer item que possuam em casa, a fim de completar o valor requisitado à viagem. Se você não consome toda a diversidade de produtos que o mercado lhe oferece, por consequência não está vivendo de maneira correta, tornando-se infeliz. Agora, os sonhos e a felicidade dependem do quanto você pode consumir. Toritama vive a *presentificação constante do trabalho*, e esse modo de vivência não deixa brechas para que esses trabalhadores possam sair do *loop* infinito de exploração, e só vislumbram alguma alternativa de transgressão a esse sistema (aqui fica a indagação se esse processo transgressor se dá de modo consciente ou não), quando ocorre possibilidade de um afastamento físico daquele espaço. De modo alegórico, temos essa representação em cena quando são mostrados manequins cinzas na vitrine, iluminados por apenas um ponto de luz, enquanto vozes de diversas pessoas começam a falar sobre seus sonhos, e de forma quase unânime essas vozes dizem que o tornar-se rico é o maior sonho.

O neoliberalismo e sua atuação minimamente devastadora, impuseram na vida desses indivíduos que trabalham nas fábricas, uma lógica baseada na constante exploração de suas forças de trabalho, pincelada pelo poder de consumo, que são mascarados pelo sedutor discurso do empreendedorismo clássico. O modelo de trabalho autônomo, vendido na contemporaneidade de modo muito atraente, possui como maiores elementos de sua propaganda a flexibilidade de horários, o imediato retorno financeiro e a possibilidade de se transformar em seu próprio chefe. Com um longo histórico no país, o trabalho autônomo sempre se fez a partir do fortalecimento da pirâmide de classe social, sendo utilizado como instrumento de manipulação da grande massa e fortalecendo os detentores dos grandes meios de produção. Os modelos de trabalho se reinventam, mas as relações de exploração permanecem. *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* não inventa a roda para falar sobre esse

panorama tão complexo, mas permite a partir de sua linearidade e porosidade, que nossa razão visualize como as estratégias desse sistema agem e o que elas provocam, tornando-se um material de cunho pedagógico, que possibilita enxergar de modo mais organizado, as relações sociais de trabalho no Brasil contemporâneo. Como sua conclusão, podemos pensar que o tempo que aqueles trabalhadores entregam a um sistema que não identificam de forma límpida não pode ser tomado de volta, assim, entregam além de sua força de trabalho também sua vida em busca de uma falsa autonomia. O antigo vazio de Toritama que se dava nas ruas agora ganha outro lugar, o da existência.

Referências

ESTOU Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar. Direção e Roteiro de Marcelo Gomes. 2019. (86 min).

MALAGUTI, Manoel Luiz. **Crítica à razão informal – a imaterialidade do assalariado**. São Paulo: Boitempo Editora, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Capitalismo como religião**. Organização de Michael Löwy. Tradução: Nélcio Schneider. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

Recebido em: 12 de jul. 2020

Aceito em: 26 de ago. 2020